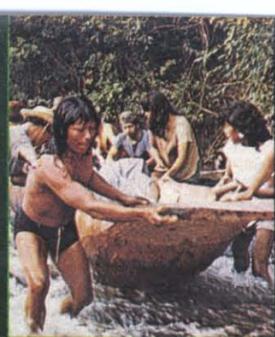




Mamprin, 50 anos, o
nosso homem na
expedição: é a minha
maior reportagem



Cláudio Vilas-Boas:
só um serviço
dêses já valia um
Prêmio Nobel



Sem a ajuda dos
indios mansos,
os perigos no
mato são em dôbro

Realidade
1973(?)

PZR00088

A Transamazônica põe em perigo um povo que vive na Idade da Pedra. REALIDADE documenta uma fantástica aventura:

CORRIDA PARA SALVAR OS ÍNDIOS GIGANTES

Primeiro dia: eles quiseram flechar nosso avião

A rodovia Cuiabá—Santarém, uma das transamazônicas, vai passar em cima desta aldeia. Nela vivem os Kranha-Korore, índios gigantes, segundo seus inimigos, os Tchucarramãe. Um indiozinho capturado em guerra mediu 2 metros e 3 centímetros com dezoito anos — e foi morto por isso. Uma expedição já fez os primeiros contatos para salvá-los. E tudo deve ser feito agora. Antes da estrada.





**Campo de pouso:
se eles
atacarem
fugiremos pelo ar**

Abrir um campo na selva envolve várias operações. O fogo é a segunda, vem logo depois da derrubada. O calor e os mosquitos tornam-se uma dura provação, só compensada com a perspectiva de que o objetivo — salvar um povo da destruição e do descaminho — será atingido.



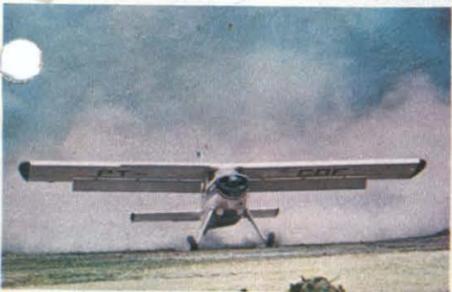
Primeiro passo: cortar e derrubar as árvores.



Mas, além das árvores, há cupins gigantescos.



Do lado, nosso campo é só um fio na floresta.



Lá vem o avião! Pela primeira vez, neste ponto da Terra, a poeira levanta sob a roda. Custódio, o piloto, vai saudar mais esta "inauguração". Nos 111 dias da marcha, abrimos três campos de pouso. Eles vão servir para a próxima expedição, que terá de ser definitiva.



A pista — a nossa pista — é uma beleza. Para fazê-la foi preciso abrir uma clareira de 1 quilômetro na floresta virgem. É uma base importante para a expedição. E, se os Kranha-Kórore não nos receberem em paz, ela servirá para a nossa retirada.

Agora o rio: um mês de trabalho para fazer sete canoas

A floresta ofereceu as árvores, mestre Dudiga, da tribo Juruna, entrou com a sua arte. Dudiga e os outros índios construíram as sete canoas para vencer o rio.

Um trabalho de precisão que os brancos, com toda a sua técnica, não conseguiram fazer.

Uma das canoas dá para 23 homens

E a expedição prossegue, em busca da aldeia dos índios gigantes. Depois do rio, da luta contra as corredeiras, ainda há selva a ser vencida.



Um grande tronco derrubado. Uma canoa começa a nascer. Um último retoque, no casco.



No 87º dia, a aldeia: eles se esconderam, atacarão?

A expedição atinge a terra dos Kranha-Kórore. A perspectiva do encontro, do primeiro contato com esse povo isolado e tão distante da nossa civilização é emocionante. A aldeia vai ser vista pela primeira vez por homens brancos. O esperado encontro, frente a frente, ainda não é possível. Mas na aldeia encontramos objetos que só gigantes podem usar. Como o fardo (ao lado, embaixo) que aparece ao lado de um índio comum.



Esta flecha, feita com dente de macaco, foi um dos primeiros sinais positivos.

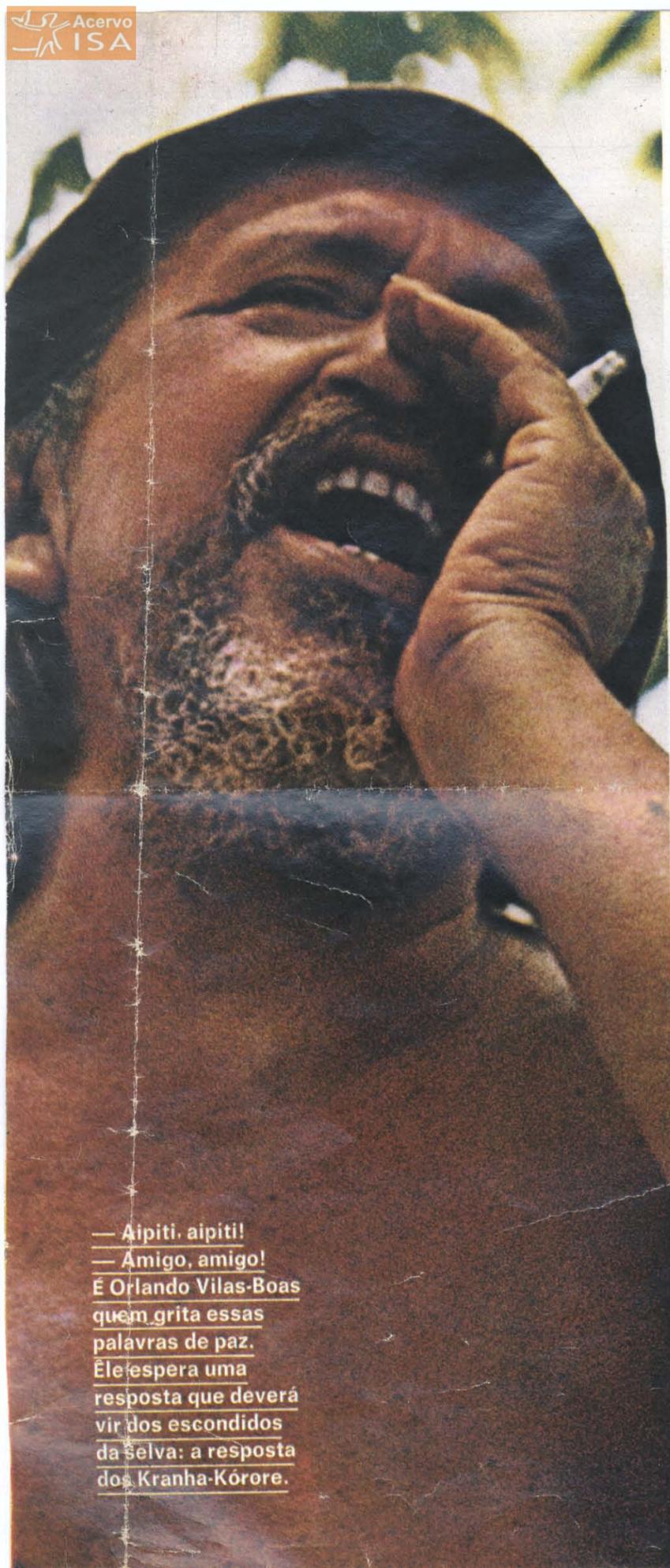


A expedição entra na aldeia. Pela primeira vez o homem branco pisa em terra.



Um machado de pedra: o mesmo do homem da caverna

Há temor, uma chuva de flechas pode cair a qualquer instante sobre a expedição. Mas os homens avançam, as mãos para o alto erguendo presentes, símbolos de sua intenção de paz. Achamos a aldeia vazia: os gigantes não querem a guerra mas não entendem a paz. Escondem-se. Na aldeia recém-abandonada ficam os seus objetos. Há um machado de pedra, peça rara, que irá enriquecer um museu. E bordunas enormes, próprias de gigantes.



— Aipiti, aipiti!
— Amigo, amigo!
É Orlando Vilas-Boas quem grita essas palavras de paz. Ele espera uma resposta que deverá vir dos escondidos da selva: a resposta dos Kranha-Kórore.



Suspense, medo, emoção: um gigante na nossa frente

Um gigante apareceu por um minuto no outro lado do rio. — Aipiti, aipiti! Um índio da nossa expedição repete estas palavras ao Kranha-Kórore que está a 500 metros de nós. E o gigante responde, numa língua que ninguém entende. Só esta cena valeu a viagem, compensou 111 dias de cansaço, febre, malária, diarreias, desapontamentos, esperanças, alegrias. Disso tudo fiz um diário. Um relato feito com entusiasmo. E com muito amor.

Quantos dias vamos andar? Não sabemos. Andamos.

18 de julho de 1968 - Desembarco no Pôsto Leonardo, capital da nação Xingu. Este posto indígena, o principal do Parque Nacional do Xingu, já é meu conhecido: revejo velhos índios, a sede, as cabanas. No meio de tudo, um movimento, uma excitação incomuns. Findam-se os preparativos para a expedição em busca dos Kranha-Kórore - um nome sonoro que na língua dos Tchucarramãe quer dizer cabelo cortado. Estou mais excitado do que todos. A primeira coisa que vamos fazer - hoje ainda - é localizar por avião a aldeia. Irão o Cláudio, o Orlando e eu. Agora nosso pequeno avião sobrevoa, baixo, a aldeia. Há grande agitação lá embaixo - as crianças correm para o mato, um índio aponta sua flecha para o avião, outro abre os braços e gesticula. Orlando xinga: esqueceu o binóculo. O piloto, Custódio, vê nos gestos dos Kranha-Kórore uma ameaça de guerra. - Não é, diz Cláudio. Eles estão dançando e isso é bom sinal. Cláudio começa a jogar os presentes, amarrados em bexigas infladas para descer devagar: retratos dos

Exatamente no coração do Brasil: esse foi o roteiro.



Vilas Boas com índios sorridentes, para demonstrar o desejo de paz e de amizade, bonecas de plástico, panelas de alumínio, aviõezinhos, bolas de borracha. Aqui de cima é muito bonito, mas eu quero ver é na hora de chegar lá a pé. Como é que esse povo, que tem dez mil anos de cultura à sua frente, nos receberá? Isso intriga e me excita ainda mais. São quase onze da noite e não consigo dormir. Tento visualizar o mapa, com as explicações de Cláudio sobre o roteiro que devemos seguir. Amanhã sairemos daqui para o Pôsto Diauarun. Daí, em canoas, navegaremos pelo Xingu até determinado ponto do rio Manitzauá-missu, afluente a oeste. Uma viagem de três ou quatro dias. Aí faremos o nosso primeiro acampamento, com um campo de pouso - será a base de abastecimento da expedição. Depois, enfrentar a selva: 70 quilômetros a pé, na direção norte, atravessando uma montanha - a serra Formosa - e abrindo caminho na floresta virgem. Ninguém sabe ao certo quantos dias isto vai durar.

Nosso objetivo, a partir do primeiro acampamento, é o rio Peixoto de Azevêdo, afluente do Arinos. Se a gente fizesse um coração no mapa do Brasil - esse seria o lugar. No avião, esta tarde, Cláudio traçou o rumo. Mapas e bússola na mão, conferiu graus e latitude e apontou para uma árvore mais alta que se destacava na floresta imensa: - Quando a expedição chegar àquela árvore, vamos amarrar as canoas e caminhar uma meia hora para entrar na aldeia deles. O Cláudio só pode estar brincando. Como é que ele vai reconhecer, vista do chão, aquela árvore no meio da floresta quando a expedição chegar - quem sabe a quantos dias? Essa eu cobro dele, ah! cobro. Dentro de seis horas a expedição partirá. Preciso dormir um pouco.

25 de julho - O sol bate no acampamento, as panelas brilham. São sete da manhã, estamos às margens do rio Manitzauá-missu desde o dia 22. A viagem até aqui não teve nada de extraordinário, a não ser a emoção de estar iniciando a caminhada ao encontro de um povo que vive na Idade da Pedra. Nestes dias empurrei canoa, fiz camaradagem com alguns índios. Somos trinta homens - 25 índios e cinco brancos. Maluaré, um simpático carajá; Ute-í, que dorme sempre perto de mim com sua carabina; Katingó, jovem da tribo Suyá, que conheci criança - são alguns dos índios que nos acompanham. Há muitos outros cujos nomes ainda não sei. Os doze Tchucarramãe, os que mais sabem sobre a existência dos Kranha-Kórore, são alegres e barulhentos. E há um índio Tchicão que não fala com ninguém; sua língua ninguém entende. Ontem, Cláudio distribuiu botinas, calças e camisas novas para todos. Depois reclamava da vida: - Minha vida é esperar avião que não vem, remédio que não chega, gasolina que não dá. Esperar, esperar. Mas hoje ele está disposto, dando os últimos toques

para a marcha começar. Sua carga é pesada e incômoda: dois sacos (30 quilos), facão, revólver, bússola, um chapéu de turista, as calças rasgadas do Joelho para baixo. E uma liderança impressionante. A mata está lavada ainda, gôtas de orvalho refletindo o sol nas folhas mais altas, árvores, pássaros, sombras, flores e sons comendo esse admirável mundo verde que agride e conquista ao mesmo tempo. Minha carga é de 20 quilos - máquinas fotográficas, objetos de uso pessoal, rede, cobertor, uma carabina 22, um facão. Depois de andar quatro horas, tudo isto pesa como se fossem 20 toneladas. - Meus pés doem muito. Os índios vão na frente, abrindo picadas. O pelotão de vanguarda já está longe, os do meio também andam depressa, indiferentes aos galhos, espinhos, troncos, insetos (são o maior perigo da floresta), raízes, cipós. Eles levam cargas que variam de 30 a 50 quilos, e tem gente dizendo que índio é preguiçoso. Cláudio atrasa o passo de bom mateiro para me acompanhar na retaguarda. Eu paro, caminho, paro de novo; ele me espera de pé, a respiração tranquila - um leão. Já andamos uns vinte quilômetros, a mata começa a escurecer. Os índios retardam o passo, à espera da ordem de repouso, que Cláudio anuncia à beira de um regato. - Que prazer tirar tôdas essas coisas das costas. Logo mais, a rede, o sono bom oferecido pelo cansaço. Acordo no meio da noite com o Cláudio gritando para espantar um bicho que se aproximou de sua rede. Fumo um cigarro no claro da fogueira e fico pensando na vida desse homem. 25 anos no mato, enfrentando as ameaças da selva e vivendo entre índios e bichos. Mas nunca se brutalizou. Nunca deixou de informar-se sobre o mundo lá de fora, de ler os seus livros. Vive ao mesmo tempo o mundo de hoje e o mundo antigo de cada tribo, sem misturar os dois. Concilia tudo em seu calado humanismo.

27 de julho - Ontem, segundo dia de marcha, andei melhorando a minha performance. Andei mais depressa e até matei um

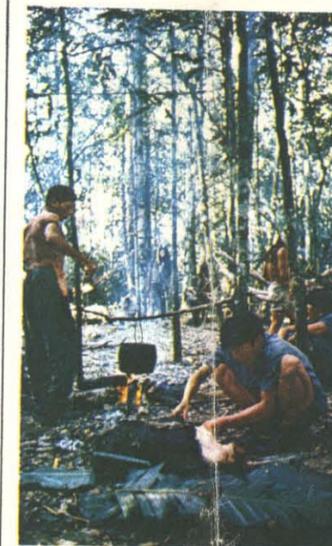
macaco preto, para ajudar na bóia. Macaco - uma descoberta para mim - tem carne saborosa. Ute-í, o índio da carabina, matou dois porcos do mato. Enquanto meu desempenho na mata melhora, Maluaré, um carajá simpático, está com febre. É a primeira malária da expedição. Dou-lhe uns comprimidos de aralém e glicose.

31 de julho - A selva cansa: andar, andar, andar. Meu corpo está todo picado de insetos, a roupa suja, as calças em frangalhos. A mata é a única presença constante. Todos os medos que ela nos possa dar não são maiores do que o de perder o rumo. Por isso vamos sempre em frente, sem contornar obstáculos. A direção tem que ser mantida. Procuro conversar com Iperori, um cajabi velho, que tem uma bússola na cabeça. E ele me diz que estamos no rumo errado. Ai, ai, ai!

1º de agosto - Hoje é o oitavo dia de marcha. Cadê o rio que procuramos? Cláudio diz que está perto. Andamos muitas horas. Não vejo os índios, que se adiantaram bastante, mas escuto de repente uma algazarra louca. Os índios terão encontrado o rio Peixoto de Azevêdo? Apresso o passo e os encontro na beira do rio, em festa. Eu festejo à minha maneira: jogo as coisas no chão e caio náguas de roupa e tudo. E fico ali, naquele banheirão de água transparente e fria, sentindo um certo orgulho de mim mesmo. Junto com outros homens, venci a selva. E agora? Onde estão os Kranha-Kórore? Fico antegozando o momento de ter um deles na frente de minha máquina. Cláudio não se entrega a essa excitação, tem problemas práticos: encontrar área para abrir um campo de pouso - talvez tenhamos de fugir às pressas -, distribuir gente para construir o acampamento, vigiar o fogo para que faça fumaça, que é o nosso sinal para o piloto (ele enxerga a fumaça na mata a uma distância de 80 quilômetros). O jantar está sendo preparado e vai ser bom: Ute-í caçou para nós três mutuns (peru selvagem), um macaco e dois porcos do mato.

3 de agosto - Sempre ouvi dizer que quando mais de dois índios conversam juntos estão tramando alguma coisa. Se é assim, então estourou uma crise. Cinco cajabis fizeram uma roda e estão cochichando, gesticulando muito e olhando para os lados. Pergunto a Muniz, o mateiro, que diabo está havendo. Procuro Cláudio, mas não posso sair gritando por aí, já é noite alta. Temos os pensamentos mais loucos: será que esses caras estão organizando uma greve contra nós? Cláudio foi acordado por um dos cajabis. De minha rede ouço a conversa: - Nhambá triste - diz o índio. - A picada está aí. Quem quiser ir, vá - responde Cláudio.

Muniz me explica que não se trata de uma crise séria. Simplesmente os índios estão tristes, saudosos da mulher e dos filhos e querem retornar ao Parque. Vieram como voluntários, e Cláudio não obriga ninguém a ficar. Oito deles regressaram, agora é a vez dos Tchucarramãe ficarem tristes. Mas, na hora do almoço, a tristeza deles se acaba. A alegria vem com o perigo: uma vara de queixadas - autênticos javalis brasileiros, de dentes que cortam como faca - invadiu nosso acampamento. São bichos ferozes, que estraçalham tudo à sua frente, quando acuados. Apanho a espingarda e procuro proteção atrás de uma árvore grande, mas não há tempo de pensar. Ao barulho dos bichos junta-se o dos índios excitados com a perspectiva da caçada. Ouço tiros, penso em atirar também, mas tenho medo, porque há muitos índios armados de pau correndo entre as queixadas. Mais tiros. Penso que já temos gente morta no meio daquela confusão infernal. Vem uma queixada em minha direção, é correr ou atirar, atiro. Mas há gritos e uivos e grunhidos atrás de mim. Tenho medo do que está acontecendo. Os bichos fogem. O saldo: nove queixadas mortas, quase uma tonelada de carne. Os índios gritam e riem enquanto preparam os jiraus e acendem as fogueiras. Eles passaram a noite comendo carne:



O festim dos javalis ia custar caro aos nossos índios.

dormiam, acordavam e iam comer de novo - a carne assada com pelo e tudo.

4 de agosto - Ronco de avião, gritos de alegria no acampamento. Nós esperamos ouvir o ronco do nosso avião há dias, pois ele jogará comida e notícias do mundo exterior (Orlando Vilas Boas está em São Paulo e vem juntar-se a nós). Mas o ronco não é do nosso avião, é de um comercial que passa longe. Perto do meio-dia, aparece o nosso aviãozinho, voando baixo. Cláudio apanha o nosso aviãozinho, voando baixo. Cláudio apanha o walkie-talkie e fala com Custódio, o piloto. O único meio de contato da expedição com o mundo é esse rádinho de brinquedo, pois o rádio grande só virá quando abirmos o campo de pouso na beira do rio. Custódio nos informa que estamos fora de rumo dez quilômetros. Este rio em cujas margens estamos não é o Peixoto de Azevêdo, mas um afluente. O velho Iperori tinha razão. E agora? Marchar mais para a frente. O piloto avisa pelo rádio que Orlando chegará no dia seis e que no dia sete o avião lançará alimentos para nós. Cláudio corrige o rumo, a picada prossegue em busca do rio Peixoto de Azevêdo.

Eles estão à nossa frente. Eles querem a paz.

5 de agosto - Os índios estão indiferentes a todos os problemas, pagando pelos intestinos o alto preço do festim dos javalis. O velho Iperori, que voltara ao começo da picada para buscar ferramentas, não aparece. Será que ele resolveu desertar também? Mais dois índios resolvem ir embora - o Ypó e o Cuiabano. Caraiuá, o índio Tchicão que não fala com ninguém, está muito triste. Ele é importante na expedição, por causa de sua língua. É importante que haja índios de várias línguas para o momento do contato com os Kranha-Kórore. Caraiuá vai embora hoje.

7 de agosto - Iperori voltou, é um índio bom. Trouxe as ferramentas, mas diz que regressará ao Parque, pois tem um problema grave na família para cuidar - um caso de morte. Iperori viajou sete dias a pé dentro da mata, chega e volta em seguida. Agora temos ferramentas para abrir o campo de pouso, mas dos 25 índios, quinze já voltaram. Agora somos apenas quinze homens com uma tarefa enorme pela frente. Cláudio resolve pedir novos voluntários no Parque.

13 de agosto - Chegaram os voluntários, um grupo de doze. Vieram para ajudar em tudo, mas isso cria dificuldades imediatas: estamos quase sem comida. O avião lançou uma mensagem há cinco dias, dizendo que falta gasolina no Parque, por isso não pode vir com mais frequência. A fome

ameaça a expedição. Hoje comi até gavião, coisa horrível de ser engolida. O arroz acabou e o trabalho de abertura do campo de pouso não deixa tempo para a caça. Anteontem Cláudio viu rastros de onça, avisou para andarmos com cuidado, em grupo, sem esquecer as carabinas. À tarde, lá vem o índio Ute-í com o perigo nas costas - a onça. Tinha ido em seu rastro de manhã e só descansou quando pôs a mão em cima dela.

18 de agosto - Agora temos dois acampamentos: o novo é nas margens do rio Peixoto de Azevêdo, finalmente alcançado. Os problemas com a falta de comida continuam, por causa da falta de gasolina. Nestes últimos vinte dias o trabalho não tem rendido quase nada. Tenho vontade de sumir. Os insetos já chuparam quase todo o meu sangue, acho que vou ter malária. Não entendo: a gente enfrenta setenta quilômetros de mata, abrindo picada, depois tem de ficar parado por falta de recursos materiais. O sol se apaga em pouco tempo. Grossas nuvens negras vão se formando rapidamente e

descendo ao encontro das copas das árvores. Tudo é uma massa escura e pesada. Raios e relâmpagos rasgam o céu com incrível violência. Os trovões se multiplicam, a floresta é uma imensa caixa acústica onde todos os ruídos se avolumam. O vento chicoteia as árvores que rangem, desfolham, vergam-se. A selva parece ter medo, é como um grande animal acuado. E a água desaba com força, como se o Deus da chuva tivesse assumido o controle do mundo. Sinto-me perdido: céu, rio, floresta e terra compõem uma coisa só - a tempestade.

20 de agosto - O índio Maluaré veio dizer ao Cláudio que ouviu barulho de pedras sendo atiradas do outro lado do rio. Pode ser coisa de índio, superstição, mas fico excitado. Estamos em território

Kranha-Kórore. Preparo as minhas máquinas e tento descobrir algum indício dos índios gigantes. Cláudio decide atravessar o rio e levar algumas bonecas de plástico e colares. Muniz, o mateiro, Maluaré e eu vamos juntos. Muniz encontra um galho quebrado a cerca de 1m70 de altura. Pode ser o primeiro sinal dos Kranha-Kórore e se está nessa altura, então é verdade que eles são gigantes. Cláudio aumenta mais a minha tensão: mostra uma árvore marcada a machado de pedra. É emocionante. Eles devem estar por aqui. Como será o encontro? Haverá guerra ou encontraremos gente amiga?

Passo o resto do dia tenso. À noite, toda a expedição, já nas rédes, ouve barulhos de pedras que são jogadas do outro lado do rio e caem junto das panelas. São eles, não há mais dúvida. Sinto um nó na garganta, no peito, sei lá. Juntamo-nos a Cláudio, que caminha para a margem do rio, iluminado pelo fecho de nossas lanternas. Cláudio poderá ser morto neste instante - basta uma flecha no centro da luz. Ele põe a mão em concha na boca e grita:

- Aipiti, aipiti! Aipiti quer dizer amigo, em língua Tchicão. Os nossos amigos invisíveis entenderão essa língua? Que tipo de homem responderá a esse grito? Entre nós há só um rio, mas também uma distância de milênios separando duas culturas. Nenhuma resposta. Um índio faz um discurso que me parece grandiloquente. Em vão.

5 de setembro - Todos estes dias foram empregados na construção do campo, mesmo com as dificuldades de abastecimento. Mas um dia o aviãozinho veio e jogou comida, cartas, até queijos e abraços. Hoje ele voltará para descer. O campo - uma faixa de um quilômetro por 70 metros de largura - está pronto.

Limpo. Uma frota de tratores não teria feito melhor. Vinte homens famintos construíram este campo, derrubando árvores enormes, limpando, queimando, batendo depois a terra com soquetes. Um milagre. A gente se sente orgulhoso de participar de um trabalho assim. Lá vem o avião. Custódio baixa e embica logo para economizar pista; toca a primeira roda, a poeira levanta - é a primeira vez que um avião toca este ponto da terra. O avião escorrega na pista - a nossa pista! e para a uns setenta metros adiante. Um show de aterragem. A pista prática tem 400 metros de comprimento -

aria até para o pouso de dois aviões ao mesmo tempo, em sentido contrário. Com pilotos craques como o Custódio, naturalmente. Fico orgulhoso. Custódio desce de seu aviãozinho mais orgulhoso ainda: é mais um campo ^{de} ele inaugura. Trouxe cachaça e pão fresco. E o rádio grande para manter ligação com o Pósto Leonardo. Nós brindamos à vitória. Tomamos cachaça (nós, os brancos; os índios não - é proibido) nas próprias garrafas.

20 de setembro - Aconteceram coisas estranhas esses dias. Cláudio teve de ir ao Pósto Leonardo, porque o avião sumiu. Pelo rádio sabemos que estamos ameaçados de ficar sem gasolina. Dizem também que o avião não aparece porque anda com uns convidados estrangeiros. Sei lá. Coisas da burocracia. Na última vez que o avião veio trouxe um sujeito chato de Brasília, um tipo que tinha medo de índio e de rato. Não sei o que veio fazer aqui. Passou três dias comendo do meu queijo. Além de aguentar esse camarada ainda tenho febre e malária.

25 de setembro - Cláudio volta do Pósto, com Orlando. Trouxeram Noel Nutels, o médico dos índios. São três homens fora de série. Se não houver um Prêmio Nobel para um deles será injustiça. Alma nova, agora. Acabou a tristeza de todo mundo.



Fazer as canoas de casca é uma obra de engenharia.

Os índios continuam a fazer as canoas. Assim que estiverem prontas, a expedição seguirá pelo rio. Apesar de magro e amarelo, estou contente.

27 de setembro - Acho que esse clima de entusiasmo está influenciando os Kranha-Kórore. Hoje eles voltaram a dar sinal de vida. Dudiga, um velho rijo, terminou a construção da canoa grande. Ajudado por uma equipe muito eficiente, ele trabalhou nessa canoa ^{desde} que chegamos às margens do rio Peixoto de Azevêdo. Mais do que uma canoa é uma bela escultura feita num tronco de árvore. A nau capitânia vai sendo arrastada para o rio, sobre uma estradinha de toros de madeira. As seis outras canoas, feitas de casco de jatobá, também estão prontas. Os índios escolhem a árvore, preparam andaimes e sobem, riscam uma linha reta, para cortar depois, a machado. Aos poucos, retiram a casca inteirinha, fazem um sistema de roldanas, com cipó e tronco e vão descendo a carcaça cuidadosamente. Depois a casca é presa em toros batidos no chão, enquanto travessões são dispostos por dentro para darem a forma da proa e da pôpa. A queima de folhas secas, na parte interna, fornecerá o calor para a moldagem final. Um lindo trabalho a que assisti maravilhado, durante dias e dias. Nenhum dos brancos pôde ajudar. Somos incapazes

de assimilar essa técnica simples e complexa ao mesmo tempo. Noel Nutels vai embora hoje. Outro médico, o Dr. Murilo, e Agnelo, que chegaram há dias, continuarão conosco. São grandes companheiros.

7 de outubro - Agora, sim, a expedição está bonita, navegando no rio Peixoto de Azevêdo. O dia é claro e azul, o rio se abre, manso. Orlando, gordo e sorridente, é o comandante da nau capitânia, a canoa construída por Dudiga, para 23 homens e suas cargas - é quase um navio! Cláudio anda a pé, na margem, orientando contra as pedras. Vá gostar de matar assim no inferno! Nossa viagem pelo rio deverá ser de 35 quilômetros, percurso que cobriremos em cinco dias, mais ou menos. Isto porque há muitos trechos rasos, com pedras aflorando na água. Algumas vezes gastamos quatro horas para vencer um trecho de 200 metros.

10 de outubro - Hoje é o 84º dia da expedição. Navego ao lado de Ute-í. Na passagem de uma corredeira, com uma queda de mais de um metro de desnível e muitas pedras, os índios demonstraram toda a sua perícia e seu arrojo. Depois da cascata rio manso, que significa peixe farto para nós. O jantar é saboroso. Estou em paz com o mundo.

12 de outubro - Hoje é o dia do descobrimento da América. De 1492 para cá este Novo Mundo desenvolveu-se

extraordinariamente, uma de suas nações é a mais rica da Terra e manda homens à Lua. E nós aqui, lutando contra um rio cheio de pedras. A canoa da cozinha foi avariada, tem um rombo no fundo que precisamos consertar. O rádio pifou, captamos a BBC de Londres num transistor: mataram um capitão americano em São Paulo e a nave Apollo está dando voltas em torno da Lua. E nós atrás de um povo da Idade da Pedra - dá vontade de rir. Pronto, lá vem notícias dos Kranha-Kórore. O índio Cretfri chega correndo com uma expressão de temor e alegria. Ele viu marcas de pés, muito recentes, na areia da margem. Marcas de dois homens e uma mulher. Cretfri, mais calmo, explica que há pegadas de mulher, ele conhece porque marca de pé de mulher índia é diferente, virada para dentro. Os Vilas Boas dão ordens severas: nenhum tiro, nenhum grito, todo mundo junto.

A emoção trazida por esses sinais ainda não passou quando vem outra, maior: o índio Tapaicé, nosso cozinheiro, aponta para outra margem do rio. Está trêmulo, mas não sai do lugar - é como uma estátua de dedo em riste. Mostra uma flecha. Cláudio e Orlando vão examinar: é feita de dente de macaco. Provavelmente atirada num peixe. Caminhamos uns 500 metros e encontramos uma árvore caída, cortada a machado de pedra, para tirar mel de abelhas.

Ute-í, o caçador, encontrou carne boa: capivara.



A nossa frota, em pleno rio Peixoto de Azevêdo; as canoas são perfeitas.

Os gigantes estão por perto. Dão os primeiros sinais.

Estamos chegando. Sinto o coração bater mais apressado. Damos com um pequeno afluente do rio Peixoto de Azevêdo. Segundo os mapas mentais de Cláudio, estamos bem próximos da aldeia. É hoje! Vamos andando pela margem, empurrando as canoas porque o rio tem pouca água. Dou um passo em falso e tchibum - caio num poço. As máquinas molham e solto uma praga imensa, tão grande quanto a rapidez com que me lanço à recuperação do equipamento. A mochila protegeu as máquinas, apenas uma - a Leica - é irre recuperável. Imagine perder as minhas máquinas agora, no momento de encontrar os homens! É hora de acampar. E dormir. Se fôr possível dormir com uma tensão dessas.

13 de outubro - Levantamos muito cedo. O rio estava melhor e vamos nas canoas. De repente, a mão de Cláudio se ergue: - Taí a árvore. Chegamos! Não é possível! O homem viu esta árvore no dia dezoito de julho, quando fazíamos o reconhecimento, de avião. E hoje, 87 dias depois, ele a aponta assim, como se

fôsse uma coisa tão simples. Orlando duvida, mas Cláudio se monta numa tranquila segurança: - É ela! Começamos a abrir a picada. Se o Cláudio estiver certo, em meia hora estaremos na aldeia. Um pequeno grupo de índios fica tomando conta das canoas, nós entramos na mata, levando presentes. São 10 horas da manhã. Cláudio consulta a bússola, traça o rumo. Uma cortina espessa de floresta nos separa da aldeia. Os únicos ruídos são agora os facões cortando galhos. Os índios estão muitos tensos. Eu também. As 10h55 ouvimos dois gritos - o primeiro longo e agudo, outro grave e breve. Não sentimos os cipós que se trançam à nossa frente, levamos tudo no peito. Finalmente o muro verde é vencido e chegamos numa roça de milho. O mesmo milho que Colombo encontrou quando pisou na América pela primeira vez. - Taí a aldeia! Seguimos? Paramos? Sinto o clima de emoção que atinge a todos. Ao mesmo tempo, medo, espanto, entusiasmo - tudo junto. Orlando reúne as panelas e outros presentes e decide avançar. É um cortejo de homens sujos, barbados, o suor e a emoção molhando o rosto. Todos de mãos para cima, erguendo panelas de alumínio, espelhos, bonecas, aviõezinhos de plástico colorido. Orlando e Cláudio proibem-me de apontar a máquina fotográfica para não assustar. Obedeço. Vejo os olhos de Ute-í, esperando a flecha que pode vir a qualquer momento, de qualquer lugar. A sensação do perigo iminente está presente em todos os olhares. Mas ninguém vacila. Que força é esta que move Ute-í em direção à morte, possível a qualquer instante, para ajudar outro índio, que ele nem conhece? E que fé ergue os braços de Cláudio e Orlando Vilas Boas, com essas panelas de oferta e de paz, se eles sabem que podem morrer agora?



Antropófagos rituais: comem assados os ossos dos inimigos.

Quando dei por mim já estava no meio da aldeia. Um grade e pesado silêncio envolve tudo. Os gigantes não nos atacam, mas não se mostram. Esconderam-se na mata. Quantos olhos assustados não nos estarão observando através das folhas? Ute-í mostra um talo de banana brava, cortado há pouco. Eles deixaram tudo: suas choças de folhas de banana, onde dormem no chão (ainda não descobriram a rede), os recipientes de imbirã e folhas para guardar água (ainda não conhecem a cerâmica). No centro da aldeia está uma espécie de túmulo enfeitado de folhas verdes (eles respeitam os mortos, devem acreditar num Deus). Os índios da expedição evitam se expor. Ainda acreditam num ataque de surpresa. Mas a curiosidade vence o temor dos brancos. Entramos nas choupanas: são simples armações de paus e folhas, mas revelam a distância entre o homem e o animal - a casa para morar. Deixamos presentes dentro de cada cabana. As panelas e bacias de alumínio penduradas, enfeitando a aldeia. No centro, mais bacias, expostas de tal maneira que o avião pudesse posteriormente observar se fôssem retiradas.

Depois de examinar o recipiente d'água feito de fôlhas, Orlando comenta: - Será que eles gostarão das nossas panelas? É intrigante a gente admitir que uma simples vasilha pode dar a medida de séculos de cultura. Voltamos para a margem do rio. Não adianta arriscar demais.

20 de outubro - Hoje encontramos a segunda aldeia. Exatamente igual à primeira, mas sem o túmulo, ou templo. Não há dúvida, eles se embrenharam no mato, mas estão perto de nós. Cláudio e Orlando resolvem construir aqui, próximo da primeira aldeia, um novo campo de pouso. Isto garantiria a retirada mais rápida, em caso de necessidade. Na segunda aldeia a nossa chegada é mais segura, embora ainda haja algum receio. Ute-í encontra uma borduna de um metro e setenta. É pesada, forte. A borduna tanto serve para a guerra como para o descanso: os índios apóiam o queixo nela, para descansar. Para apoiar o queixo numa borduna de um metro e setenta é preciso ser um homem de dois metros de altura. Segundo a tradição em várias tribos, depois de cometer um ato de violência, o índio é indigno de sua borduna. Abandona-a no local do crime. O crime, no caso, estava visível: as balas, os aviõezinhos de madeira que quedo e as bonecas que jogamos de avião haviam sido esmagados a golpes de borduna!

Outro índio encontra um machado de pedra - um seixo pontegudo e cortante preso num cabo de madeira, um instrumento do homem das cavernas. Diante da peça rara, Orlando e Cláudio decidem trocá-la por um machado de aço com o cabo cheio de enfeites. Encontramos também uma zagaia, antiquíssimo instrumento de caça e de guerra. Em torno da aldeia há uma plantação de mandioca, abóboras e milho. Eles voltarão para colher o milho. É certo que estão próximos, em três dias os índios da expedição os localizariam. Mas os Vilas Boas não têm pressa, é preciso dar tempo para que eles raciocinem, aceitem ou não as nossas ofertas. Voltamos ao acampamento.

Em toda parte há presentes pendurados: nos caminhos da caça, nas roças, nas aldeias, colares, facas, panelas. Eles aceitarão as nossas ofertas? Ou estão se preparando para um ataque de surpresa? Nossos índios não falam, mas têm medo. Eu também.

22 de outubro - Faz nove dias que estamos aqui. O campo de pouso - o terceiro desta expedição - já está pronto. Estou viajando há 46 dias, tenho muitas histórias, milhares de fotos, mas não aconteceu ainda a grande notícia. Cadê a foto de um - pelo menos de um - Kranha-Kórore?!

27 de outubro - Não há sinal deles. Cláudio teme um ataque, se eles perceberem que estamos reduzidos a poucos homens. Orlando voltou ontem de avião, tem mil problemas lá no Parque. O rádio não funciona. Se os gigantes atacarem hoje, ninguém no mundo ficará sabendo. Dr. Murilo, o médico, voltou com o Orlando. Casa-se depois de amanhã!

4 de novembro - O avião não aparece. Deixamos todas as nossas ferramentas com cabos bonitos como presentes, espalhamos as panelas, os espelhos que restam, e nada. Pelo menos dos espelhos os Kranha-Kórore não gostaram: Os que havíamos lançado de avião estavam quebrados, com o cristal voltado para a terra. Cláudio já decidiu: temos de voltar porque, com a chegada das chuvas, acabariamos isolados por seis meses. Nossos índios, sabendo disso, estão nervosos e inquietos.

5 de novembro - Os Tchucarramãe chegam correndo, em pânico. Pulo da rede, apavorado. Será um ataque? Cláudio ouve o que eles dizem: os gigantes acabam de aceitar os nossos presentes. Levaram panelas, colares, 48 faquinhas, um machado e um cantil. Após quase um mês de suspense, eles dão um sinal de paz. Mas suas aldeias permanecem vazias e Cláudio refreia o otimismo



Nosso médico compara sua altura com a borduna de um gigante.

geral: isto é apenas um primeiro gesto. O seguinte pode demorar um mês. Ou um ano. Cláudio considera que a expedição cumpriu a parte mais importante de sua missão provar que é de paz. Vamos voltar. Sinto alegria e sinto raiva. Trato de arrumar meu equipamento, Agnelo me ajuda, depois vai caçar para o jantar. São três da tarde quando ele volta correndo: - Mamprin, Mamprin, eles estão ali! - Onde? Onde? Me mostra, cadê, cadê? - Ali, Mamprin. No rio. Olha lá! Olha depressa! Mais nervoso do que Agnelo preparo a teleobjetiva e corro na direção indicada. Na margem de cá do rio, o índio Dudiga está gritando coisas em língua juruna. 500 metros, entre a mata e o rio, vejo a figura de um homem (Dudiga vira mais um adulto e uma criança). Faço fotos rapidamente, escondo a máquina. Gritamos todos, cada um em sua língua. Aceno para ele, com alegria e emoção, repetindo a única palavra

que sei num dialeto do grupo tchicão, aos quais os Kranha-Kórore pertencem. - Aipiti! Aipiti! O gigante responde, grita alguma coisa que não consigo entender. A distância é muito grande para meus olhos míopes, mal vejo um vulto que logo desaparece entre as árvores. Mas o seu grito - um grito de paz, estou certo - ficou ecoando nos meus ouvidos. A visão rápida, de um minuto, para mim é uma compensação por todos os sofrimentos e angústias desta viagem. No resto do dia não se falou em outra coisa na expedição. A alegria tomou conta de todos nós. Agora, é voltar e preparar a segunda expedição para o contato definitivo.

6 de novembro - Estou no avião, ao lado de Cláudio. A expedição acaba dentro de meia hora, no Posto Leonardo. Um regresso extremamente rápido para quem termina uma viagem de 111 dias! Estou sujo, amarelo, abatido, magro e extremamente feliz. Esta foi a mais bela aventura de minha vida. Estou em paz com o mundo. - Cláudio, valeu a pena? - Claro, Mamprin. Na próxima expedição seremos recebidos como amigos. Fecho os olhos para conter o meu orgulho: gostei do seremos. - Se isso é um convite, eu aceito! Aceito já. Quero ver esses índios a salvo dos tratores, livres e felizes no Parque do Xingu.

(N. da R: REALIDADE guardou esta história durante dois anos, esperando o momento certo de sua publicação. Este momento é agora: com o início da demarcação da estrada Cuiabá-Santarém, que passa quase em cima da aldeia Kranha-Kórore, o problema se coloca: ou os indianistas estabelecem contato com os índios rapidamente - e os transportam para o Parque Nacional do Xingu - ou eles (por não entenderem) reagirão à vanguarda de construção da estrada, com o que poderão até ser dizimados. O governo está atento ao problema. A segunda expedição está em preparo, e REALIDADE mais uma vez estará lá.)

Desenho primitivo feito a machado de pedra numa árvore.

